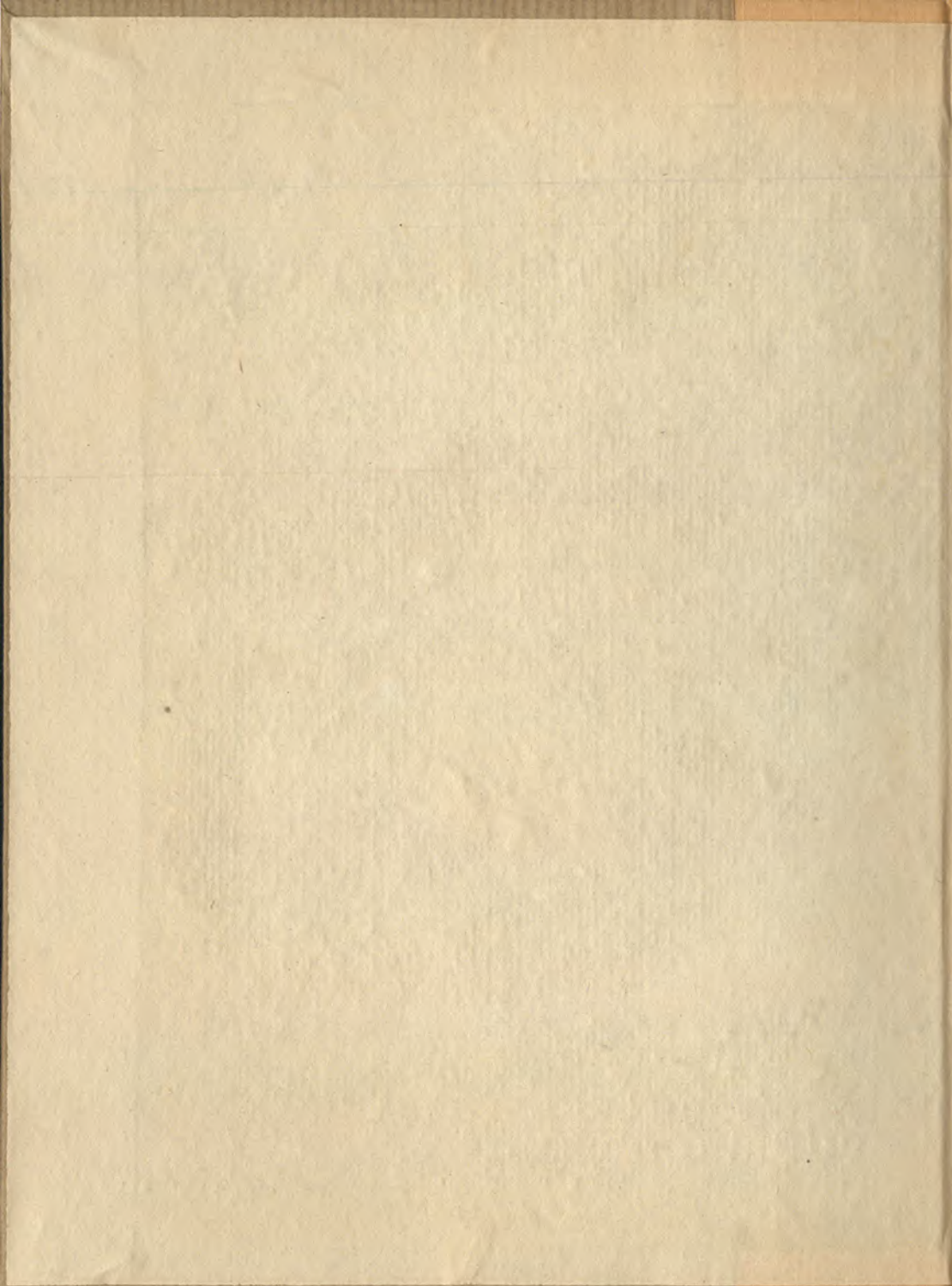


B.N.

65164

L.





L.
65164

E. A. Martinho
Bol. especial sobre Teatro
Nº 61
22.50

José da Camara Manoel



UM ENSAIO DO HAMLET

COMEDIA ORIGINAL EM I ACTO

José Maria de Almeida Cruz



LISBOA — 1899

Editor — Arnaldo Bordalo

42 — Rua da Victoria — 1.º

COMPRA

218636

PERSONAGENS

O SR. SABINO

O SR. JOSÉ NARCISO

ANTONIO PEDRO

JULIÃO

ANDRÉ

} Socios do Club Recreativo Aurora Dramatica!

IMPRESA LUCAS

93 - Rua do Diario de Noticias - 93

LISBOA

ACTO UNICO

Uma sala qualquer. Porta ao F. e lateraes. Uma cadeira, alguns mochos e duas mezas de pé de gallo. A um canto uma bilha e um pucaro de barro. Um candeeiro de folha na parede. Sobre uma das bancas uma garrafa com uma vela. E' noite.

SCENA I

A. Pedro (só)

A. PEDRO (*Que tem acabado de accender o candeeiro*)— Esta espiga de ser eu sempre o primeiro a entrar, e de accumular á força as funcções de illuminador, tambem ha de acabar. Nada, que os outros são socios como eu, pagam como eu, representam como eu... Não, isso é que não representam, porque não ha cá nenhum que me ponha o pé adiante! Lá feitio para a coisa tenho eu como burro! E depois, gasto um dinheirão em petroleo. Já hoje foram mais 55 para a corda do sino, e o thesoureiro não me paga... Quem me manda a mim ser caróla por isto... Estes fidalgos veem á hora que lhes parece. Marca-se ensaio para as 8, apparecem ás 8 e meia; se eu fosse o ensaiador eu lhes diria, era multa por uma pá velha... Verdade que o pae Sabino tambem é marralheiro, emquanto se não chega ao apuro... (*Reparando para o chão*) Olhem para isto... Quem seria que esteve aqui a comer pevides... (*Vae dentro e volta logo com uma pá e uma vassoura e começa varrendo e juntando cascas de pevides*) E' a tal coisa... Ora quem me manda a mim vir cedo...

SCENA II

O mesmo, Julião e André

JULIÃO (*Entrando F.*) — Olá, grande artista.

ANDRÉ (*Idem*) — Salve! luminar da scena portugueza!

A. PEDRO -- Vá chamar nomes á sua avó!... Luminaria será elle!

ANDRÉ — Não te exaltes, Antonio Pedro. Luminar, luminar é que eu te chamei, como quem diz, artista notavel, unico...

JULIÃO — Phantasmagorico, pyramidal!...

ANDRÉ -- Olha que elle está a chuchar comtigo...

A. PEDRO — Eu não faço caso. Vozes de burro não chegam ao ceu!

ANDRÉ — Ena ! que piada !

JULIÃO — Olha que attitude tão bem estudada a d'elle !
E' da peça isso ? (*Ri-se*).

A. PEDRO — Ora se você, em vez de dizer gracinhas tolas, ajudasse antes a fazer a limpeza...

JULIÃO — Não falles a mais ninguem, menino. Trabalha tu, se queres e gostas. O meu amor pela arte não me leva até fazer a serio o papel de gallego da sociedade, nem a apanhar cascas de pevide...

ANDRÉ (*Dando-lhe uma pancada na pá, entorna de novo as cascas*) — Deita isso fóra, Antonio Pedro.

A. PEDRO (*Levantando a vassoura*) — Olha que eu perco a cabeça contigo, meu canastrão !

JULIÃO (*Mettendo-se de permeio*) — Cessa Saraiva ! Olha que tens mulher e filhos !

A. PEDRO — Deixa-me tu tambem... Eu bem os percebo... O que vocês teem é inveja do meu talento, e querem ver se me desgostam, mas não lhes faço a vontade, não...

ANDRÉ — Ou tu não te chamasses Antonio Pedro !

JULIÃO — E' preciso accrescentar — numero 2. Porque comquanto o primeiro, o unico, o glorioso artista já não exista, não vá haver confusões...

A. PEDRO — Pois é verdade, é sim. Até no nome sou artista. Nasci para o theatro...

JULIÃO — E para apanhar cascas de pevide ! Ah ! Ah ! Ah !

ANDRÉ (*Rindo tambem*) — Ah ! Ah ! Ah !

A. PEDRO — Vão rindo, vão rindo... Quando eu assignar a minha escriptura para D. Maria, hão de se morder de inveja, vocês e os outros...

JULIÃO (*Em tom humilde, de chapéo na mão*) — V. ex.^a precisa de alfayate para o seu camarim ?

ANDRÉ (*Idem*) — Arranja um logarzinho de figurante ?

OS DOIS (*Em lamuria de cego pedinte*) — Oh ! meu rico bemfeitor, tenha dó d'estes dois *desinfelizes* da arte... (*De subito, Julião dá uma cochichada em A. Pedro, e André uma pancada*).

JULIÃO — Ah ! seu pandego !

ANDRÉ — Cá seu Antonio Pedro !

A. PEDRO (*Furioso*) — Olhem que vocês... (*Corre atraz de ambos, que fogem, atirando com a vassoura a Julião. Esta vae bater no peito de Sabino, que vem entrando*).

SCENA III

Os mesmos e Sabino

SABINO — Ui ! Que diabo é isto !

A. PEDRO (*Continuando a perseguir os dois*) — Vocês cuidam que eu . . .

JULIÃO (*Escondendo-se por detraz de Sabino*) — Acuda, pae Sabino, que está damnado !

ANDRÉ — Está rabioso !

SABINO — Eh ! rapaz ! Então que diabo é isso ? Que te fizeram Antonio Pedro ?

A. PEDRO — Deixe-me, pae Sabino. Quero ensinar estes dois canastrões, que não teem habilidade nenhuma, e andam sempre a apearinar o meu talento . . .

SABINO — Ah ! isso é mal feito, meus senhores . . . Deixem em paz o nosso artista, o nosso Antonio Pedro . . .

JULIÃO — Numero dois . . .

A. PEDRO — Vê, vê, pae Sabino . . .

SABINO — Então querias ser numero um ?

A. PEDRO — Olhe, sabe que mais ? Se o senhor, que é o director e ensaiador do grupo, não põe cobro a isto, eu vou-me embora, e depois sempre quero ver como se arranjam sem mim . . .

SABINO — Anda cá, menino . . . Não te assanhes . . . Deixa-os lá . . . (*Em tom de confidencia*) Elles o que teem é inveja !

A. PEDRO — Isso sei eu ! Elles bem veem a brilhante figura que eu faço ao pé d'elles . . . Oh ! pae Sabino, pois eu não vou tão bem como o Brazão, no *Hamlet* ?

SABINO — Ah ! isso vaes . . .

JULIÃO — Ou melhor ! . . .

ANDRÉ — Muito melhor !

SABINO — Vês ? Elles concordam. Afinal são bons rapazes, e teus amigos . . . gostam de te fazer arrelhar . . . Olha, ainda hontem, depois do ensaio, me disse o Julião que tu eras um futuro astro de scena portugueza . . .

A. PEDRO — Serio ? (*Baixo*) O' pae Sabino, o que é isso de astro ?

SABINO — Astro, é uma coisa que brilha, que deslumbra . . .

A. PEDRO — Como o sol ?

SABINO — Exacto. Tu és por consequencia um sol em perspectiva.

A. PEDRO (*A Julião*) — Obrigado. Dá cá um abraço . . . (*Abraçam-se.*)

ANDRÉ — E então eu ?

A. PEDRO — A ti não, que não me chamaste nada...

ANDRÉ — Então não te chamei luminar ?

A. PEDRO (*Para Sabino, baixo*) — O' pae Sabino, o que quer dizer luminar ?

SABINO — Luminar, é como quem diz, columna, sustentaculo, grande vulto...

A. PEDRO (*Para André*) — Toma lá o abraço... (*Abraçam-se*).

SABINO — Então ainda não appareceu mais ninguem para o ensaio ?

JULIÃO — E' o que se está vendo.

SABINO — E' querem estes meninos levar a peça d'aqui a um mez ! Esperem por essa, que ha de ir...

A. PEDRO — Cá por mim não ha de ser a duvida. Já sei o papel na ponta da lingua...

SABINO — Pois sim, mas tu és o... Antonio Pedro, e está dito tudo. Mas os outros... e depois a peça mette muita gente, e ainda não começámos com as mulheres... E' verdade, ó André, que resposta deu a Palmyra ?

ANDRÉ — Quer seis mil réis p'ra fazer a Ophelia.

SABINO — Seis mil réis, é caro. Procura-se outra...

JULIÃO — Talvez a Faustina...

ANDRÉ — Essa é velha e feia.

SABINO — Isso é o menos, pintava-se e ficava nova... Mas é muito estúpida, não diz senão asneiras... Ah ! se fosse nos meus tempos, quem fazia o papel era eu...

A. PEDRO — O quê, um papel de mulher ? Com a sua cara...

SABINO — Não, pedia-te a tua emprestada, que é mais bonita... Então tu imaginas que eu fui sempre velho ? Quando era da tua idade, era um bonito moço...

ANDRÉ — O' pae Sabino, desculpe, mas ninguem tal ha de dizer...

SABINO — O tempo tudo estraga... No theatro dos Inglezinhos, fiz eu um papel de mulher tão bem feito, que muita gente não queria acreditar que eu era homem, e até um carpinteiro me convidou para fugir com elle no fim da recita !

A. PEDRO — E o senhor fugiu ?

SABINO — Fugi, mas foi com a minha collega que fazia de minha tia... Por signal que o protector d'essa senhora me quiz matar...

A. PEDRO — Mas não matou ?

SABINO — Que eu saiba, não. Mas pregou-me depois uma partida memoravel.

JULIÃO — O' pae Sabino, conte lá.

SABINO — Vá lá, depressa, para depois irmos fazer alguma coisa.

ANDRÉ — Vamos a ouvir.

SABINO — Isto foi no theatro do Aljube, ha mais de vinte annos. Eu fazia o tyranno d'uma peça, cujo nome me não occorre agora. No fim, o rei mandava-me cortar a cabeça. . .

A. PEDRO — Mas não cortavam, não ?

SABINO — Cortavam. E até, para maior verdade, apparecia depois a minha cabeça sobre uma salva de oiro, em cima d'uma meza. . .

JULIÃO — E depois ?

SABINO — Depois, o *meu tio*, que nunca me perdoou o rapto da sua companheira, e que n'essa recita era o contraregra, espalhou dentro da salva uma data de simonte. . .

ANDRÉ — Boa partida ! Tem graça !

SABINO — De fórma que quando eu me metti debaixo da mesa sobre a qual estava a salva, e enfiei a cabeça por um buraco preparado para esse fim, meninos, não lhes conto nada ! Senti umas cocegas no nariz, e começou o morto a espirrar atchim ! atchim ! atchim !

JULIÃO E ANDRÉ (*Rindo*) — Ah ! ah ! ah !

A. PEDRO — Constipou-se ?

SABINO — Pois foi. Imaginem que successo ! Emfim a peça, que era uma tragedia, acabou á gargalhada.

A. PEDRO — E o rei ?

JULIÃO — O rei morreu a rir, como a Maria Ritta.

SABINO — Bom, vamos lá a trabalhar. Onde está a peça ?

A. PEDRO — Eu vou buscal-a. (*Sae E. A.*)

JULIÃO — Que diabo se ha de fazer com tão pouco gente ?

SABINO — Fazem-se scenas, faz-se o que se poder. . . O caso é não perder tempo. . . E depois, vocês bem sabem que o Antonio Pedro tem que ensaiar, e que é estúpido como uma porta. . .

ANDRÉ — Tira-se-lhe o papel. . .

SABINO — Sim, e a quem querem os senhores dal-o n'estas alturas. . . Deixem-n'o lá que a coisa vae. . . Hamlet era um maluco, elle tambem é maduro, deve dar o papel.

A. PEDRO (*Entrando*) — Aqui está a peça.

SABINO — Vamos a isto (*Sentando-se na cadeira, junto*

da mesa que tem a vela. Folheando a peça). Acto terceiro. Cá está. Scena 1.^a— Entra Hamlet. Quem ponta ?

ANDRÉ — Posso eu pontar, enquanto não tiver que fazer. (*Puxa um banco para junto da mesa, tira phosphoros da algibeira e acende a vela.*)

SABINO — Vamos á tua entrada, Antonio Pedro.

A. PEDRO — Digo o monolgo a serio ?

SABINO — Vê lá, se achas que não é preciso...

JULIÃO — S. ex.^a não precisa de ensaios...

SABINO — Vamos, vamos, deixem lá o rapaz. (*Para A. Pedro*) Tu entras da Direita Alta, pensativo e taciturno...

A. PEDRO — Taci... Quê ?

SABINO — Taciturno, quer dizer, cabisbaixo, avançando a passos medidos, como eu já te ensinei, e recitando pausadamente. Vens com os braços cruzados, e cara de caso... Entra lá.

A. PEDRO (*Sae pela porta D. A., e entra novamente imitando, mas com grande exagero, a entrada de Brazão no 3.^o acto do Hamlet. Todo o monologo deve ser recitado com grande falta de geito e criterio.*)

ANDRÉ (*Pontando*) — Ser ou não ser...

A. PEDRO — Não é preciso pontar, que me atrapalhas, vae apenas acompanhando...

SABINO — Bom. Torna lá a fazer a entrada, e vem mais devagar.

A. PEDRO (*Entrando novamente*) — «Ser ou não ser, eis a questão. O que é mais nobre para a alma ? Soffrer as pedradas e as setras...»

SABINO — Não é setras, é settas.

A. PEDRO (*Continuando*) — «... e as settas da fortuna ultrajosa ? ou tomar armas contra um mar de tribulações, e, fazendo-lhes rosto, dar-lhes fim ? Morrer... dormir... dormir... dormir...»

ANDRÉ (*Pontando*) — Mais nada...

A. PEDRO — Dormir... dormir...

ANDRÉ (*Pontando*) — Mais nada...

SABINO — Então ficas ahí a dormir...

A. PEDRO — Então aquelle (*indica André*) está a dizer que não é mais nada...

SABINO — Mas diz tu tambem, que é da peça, dormir... mais nada.

A. PEDRO — Dormir mais nada !

SABINO — Não é assim. Dormir... Pausa. Mais nada. Acabou.

A. PEDRO — Dormir... pausa... Mais nada... acabou.

SABINO — Oh! estúpido! Dormir... mais nada!

A. PEDRO — Dormir, mais nada. Agora sahiu!

JULIÃO — Bravo! Bravo! muito bem.

SABINO — Não quero brincadeiras durante o ensaio (*Para A. Pedro*) Olha, como o monologo é muito grande, corta-se o resto, e só dizes depois: «Morrer... dormir... dormir... sonhar talvez!» Ora dize lá.

A. PEDRO — Dormir... dormir...

ANDRÉ (*Pontando*) — Morrer... dormir...

A. PEDRO — Dormir... talvez!

SABINO — Não é isso. E' assim. (*Levanta-se e vai dizer a falla*) «Morrer... dormir... dormir... sonhar talvez!» Percebeste? Tu primeiro, morres, depois dormes, depois sonhas!

A. PEDRO — Mas isso não póde ser! Eu depois de morto não posso sonhar!

SABINO — Faz o que te ensino e deixa o resto. Anda lá. (*Torna a sentar-se*).

A. PEDRO — «Morrer... dormir... depois sonhar!» E' assim?

SABINO (*Impaciente*) — E'! Vaes bem. Agora vamos passar a scena com Ophelia. Quem marca o papel da mulher?

JULIÃO — Lá para isso não me convidem. Embirro com essa coisa...

SABINO — Bom, marco eu. Vocês não servem para nada. (*Para A. Pedro*) Tu ficas aqui a meia scena, um pouco voltado para a Esquerda Baixa. Ophelia entra d'aqui (*E. B.*) Dá lá a deixa, (*sae pela E. B.*)

ANDRÉ (*Pontando*) — «Lembra-te de todos os meus peccados.»

A. PEDRO — «Lembra-te de todos os meus peccados»

SABINO (*Entrando e imitando voz e meneios de mulher*) — «Meu bom senhor, como tem Vossa Alteza passado, ha tantos dias?»

A. PEDRO — Bem, muito *agradecido*.

ANDRÉ — Não é isso. (*Pontando*) Agradeço-te humildemente; bem, bem, bem.

A. PEDRO — *Agradeço-te* muito humildemente bem, bem, bem.

SABINO — Oh! homem, não é assim, bem, bem, bem, a

correr. E' assim, com inflexões diferentes: Bem!... bem!... bem!...

A. PEDRO — Bem!... bem!... bem!...

SABINO — Ainda não é isso, menino. E' assim, ora vê como eu faço e digo: «Agradeço-te muito humildemente, bem, bem, bem.»

A. PEDRO — Pois foi como eu disse!

SABINO — Ah! foi? Então sim. Adiante, vamos. Dize lá a falla do convento. Eu continuo sendo a Ophelia. Começa.

ANDRÉ (*Pontando*) — Vae para um convento.

A. PEDRO — Bem sei. (*Declamando*) «Vae para um convento. Para que has de tu ser mãe de pescadores?»

JULIÃO (*Rindo*) — Ah! ah! ah! Pescadores, é boa piada!

A. PEDRO — Então o que é?

SABINO — Peccadores, menino, peccadores!

A. PEDRO — Enganei-me... então...

SABINO — Anda lá homem, anda lá...

A. PEDRO — «Para que has de tu ser mãe de peccadores? Eu por mim tenho uma tal ou qual honestidade, comtudo poderia censurar-me de taes coisas que melhor fôra que minha mãe me não tivesse dado á luz. Somos todos uns preversos consumados; não creias em nenhum. Vae para um convento. Onde está teu pae?»

SABINO — «Em casa, meu senhor.»

A. PEDRO — «Fechem-lhe bem as portas, para que não faça de tolo senão em sua propria casa. Adeus.»

SABINO — «Ceu piedoso, soccorreio-o.»

A. PEDRO — «Vae para um convento, adeus! Ou então se é força que te cases, casa com um tolo, os homens de juizo sabem perfeitamente em que monstros os tornaes. Para um convento, vae para um convento, e muito depressa. Adeus.»

SABINO — «Poderes celestiaes, restitui-lhe a razão!»

A. PEDRO — «O que te digo é que os casamentos acabaram...» (*interrompendo*) O' pae Sabino, isto é piada aos casamentos civis?

SABINO — Talvez. Mas diz o resto da falla.

A. PEDRO — «Vae para um convento, vae para um convento, vae... vae.» (*Batem com força fóra, ao F.*)

JULIÃO — Entre quem é...

SCENA IV

Os mesmos e José Narciso

JOSÉ NARCISO (*Entre portas*) — Muito obrigado pela licença, mas entro n'aquillo que é meu.

A. PEDRO (*Continuando a matutar sosinho*) — Vae para um convento !... Vae para um convento !

J. NARCISO — O senhor imagina que eu sou algum frade ? !

SABINO — Não faça caso que é da peça. Mas quem é o senhor ?

J. NARCISO — Quem sou ? sou um homem...

SABINO — Isso vejo eu, que o senhor é um homem, pelo menos por fóra...

J. NARCISO — Por fóra e por dentro... entende ? sou um homem escamado, damnado, especulondrificado, caloteado...

SABINO — Muito obrigado. Mas que vem aqui fazer ?

J. NARCISO — Que venho fazer ? Ora essa ! Ainda o senhor o pergunta ? Quem é aqui o dono da casa ?

SABINO — Somos todos.

J. NARCISO — Quaes todos ?

SABINO — Todos eu, todos este, todos aquelle, etc.

J. NARCISO — Etcetera ! Gosto.

JULIÃO — Tambem eu.

A. PEDRO (*Ao fundo, declamando*) — Vae para um convento ! (*Sae E. A. com passos tragicos*)

J. NARCISO — Outra vez !

SABINO — Aquillo é da peça !

J. NARCISO — Qual peça, nem meia peça ! Peça me teem os senhores pregado, porque já me devem cinco mezes da renda d'esta casa...

ANDRÉ — O' diabo ! que é o senhorio...

SABINO — Pois o senhor é...

J. NARCISO — Sou o senhorio, sou sim senhor. Com quem é que tenho que me entender para receber o meu rico dinheiro ?

SABINO — Oh ! meu caro senhor... porque o não disse logo... Queira sentar-se (*Chega lhe a cadeira*).

JULIÃO (*Chegando tambem um môcho*) — Por quem é...

ANDRÉ (*Idem*) — Então, faz favor...

J. NARCISO — Muito obrigado, mas prefiro a cadeira que é mais macia, por causa dos meus padecimentos...

SABINO — Ah ! v. s.^a padece... coitadinho !

JULIÃO — Que pena !

SABINO — Pois temos muito prazer em conhecer v. s.^a, pessoalmente, porque até agora só conhecíamos os seus recibos...

J. NARCISO — Isso já foi ha muito tempo !

SABINO — Temo-nos atrazado um pouquinho, é verdade, mas isso tudo vae agora acabar... V. s.^a vae receber o seu dinheiro...

J. NARCISO (*Mettendo a mão no bolso interior*) — Aqui estão os recibos...

SABINO — Quando eu digo agora, não quer dizer que seja agora mesmo, agora já, agora n'este momento...

J. NARCISO — E' talvez agora nunca...

SABINO — Credo ! Não senhor. Mas é que nós vamos fazer um beneficio...

J. NARCISO — A quem ?

SABINO — A nós mesmos... isto é, a sociedade, o Club Recreativo Aurora Dramatica vae fazer um beneficio a favor do seu cofre...

JULIÃO — E desde já pedimos a v. s.^a para ficar com um camarotesinho para a sua senhora...

J. NARCISO — Não tenho senhora...

ANDRÉ — Então para os seus meninos...

J. NARCISO — Não tenho senhora, nem meninos, nem ninguem, sou celibatario...

SABINO — Faz v. s.^a muito bem... E' um estado muito bonito e muito economico. Pois como ia dizendo, a sociedade faz brevemente um beneficio a favor do seu cofre, n'um theatro publico, com a peça de grande espectaculo o *Hamlet*.

J. NARCISO — Bonita peça.

SABINO — Pois não é? Deve ser um successo. Os ensaios já estão muito adeantados, mas isto precisa muito tempo.

J. NARCISO — E entram muitas mulheres?...

SABINO — Bastantes...

J. NARCISO — E bonitas... bonitas...

JULIÃO (*A'parte*) — Ai que o velho é bajôjo !...

SABINO — Lindas como os amores !

J. NARCISO — E... e... são amaveis...

SABINO — E' confôrme... em se tendo confiança com ellas... cá com a rapaziada...

J. NARCISO — Sim, hein? Eu sempre gostei muito de mulheres de theatro... (*Rindo*) Ih ! ih ! ih !

SABINO — Uma idéa ! Porque não entra v. s.^a cá para o nosso club ? Sendo um homem só, achava aqui distrações, amigos, jogava o dominó, conversava com as damas...

JULIÃO — E até podia fazer o seu papelsinho...

J. NARCISO — Lá para representar não, que já estou velho...

SABINO — Mas ha papeis para todas as idades... Por exemplo, se v. s.^a nos quizesse dar a honra de ser nosso socio, podia até já entrar n'este espectáculo... Eu cedolhe o meu papel...

J. NARCISO — Mas eu nunca representei... E que papel era ?

SABINO — A Sombra ! E' um esplendido papel ! Só o fato ! E' uma armadura brilhante como o sol, e plumas no capacete, e espada, uma coisa extraordinaria !... E depois é um papel proprio para um homem serio...

J. NARCISO — Então ellas hão de gostar d'essa figura... hein? (*Rindo*) Ih ! ih ! ih !

SABINO — Ora se gostam ! Em ellas o vendo vestido de guerreiro, não ha nenhuma que lhe resista. Então está decidido ? V. s.^a faz o papel de Sombra ?

J. NARCISO — Eu não sei se darei conta do recado...

SABINO — Ora então não ha de dar... Ora faça...

JULIÃO — Faça, faça...

ANDRÉ — Faça, faça...

J. NARCISO — Tenho medo de fazer fiasco...

SABINO — Ora essa ! Ensaiado por mim ! Quer o senhor fazer já um ensaio ? Está dito, vamos a isto.

JULIÃO (*Para André*) — Oh ! que grande pagode !

ANDRÉ (*Para Julião*) — Isto vae ser uma tourada de primeira ordem.

SABINO — Põe-se já tudo em ordem... Mas primeiro deixe-me apresentar-lhe os personagens da peça, que estão presentes... (*Indicando Julião*) Este faz o papel de Claudio, rei da Dinamarca, que o atraçouo ao senhor com sua mulher...

J. NARCISO — Ainda bem que nunca fui casado... (*Rindo*) Ih ! ih ! ih !

SABINO — V. s.^a tem muita graça, já vejo...

J. NARCISO — Não é por me gabar, mas tenho... ainda os senhores me não conhecem na intimidade... olhem que sou muito divertido.

JULIÃO — Lá isso é !

SABINO (*Indicando André*) — Este faz o Laertes, o papel que fazia o Augusto Rosa... Vae muito bem... Este... (*Procurando A. Pedro*) Oh! Antonio Pedro...

A. PEDRO (*Entrando E. A. pensativo e de braços cruzados, dando grandes pernadas*) — Vae para um convento!... Vae para um convento!...

SABINO — Ah! estavas a ensaiar na cosinha... Anda cá... Apresento-te o nosso consocio novo, o sr... o sr...

J. NARCISO — José Narciso, um seu creado...

SABINO — Agradecido. O sr. José Narciso, que vae substituir-me no papel da Sombra de teu pae... (*Indicando A. Pedro*) Este faz o Hamlet...

A. PEDRO — Tenho muito gosto em o conhecer sr. Sombra...

J. NARCISO — Sombra não, José Narciso...

A. PEDRO — Enganei-me... O sr. já alguma vez fez opapel?

J. NARCISO — Nada, eu nunca fiz papel nenhum...

A. PEDRO — Ah! é um debutante... (*Olhando-o com desprezo*) Então estude bem o papel para não comprometer o meu trabalho... (*Volta-lhe as costas*).

SABINO (*Que tem estado a dispôr a scena*) — Prompto! estes dois mochos aqui ao fundo da scena indicam a plataforma onde o sr. apparece, isto é, a Sombra.

J. NARCISO — Sim, senhor, eu appareço...

SABINO — O senhor vem d'ali (*Indica E. A.*) para aqui pausadamente, assim, com andar de phantasma... depois, pára aqui ao centro e diz: «Escuta-me» Ora faça lá.

J. NARCISO — Eu tenho vergonha...

SABINO — Não tenha, que estes senhores não são de cerimonia...

JULIÃO — Ora essa, collega. Faça á sua vontade, se quer até nos vamos embora...

SABINO — Nada, nada, que é para se habituar ao publico... Ora entre lá d'ali, como eu disse...

J. NARCISO — (*Sae E. A., e entra logo a seguir, muito semsabor, sem gesto nem attitude, chega ao logar marcado e diz*) — «Escuta-me.»

SABINO — Não é isso... O senhor não sabe fazer voz de Sombra?...

J. NARCISO — Nada, nunca fiz!...

SABINO — E' assim como quem diz, voz lá de dentro, voz cavernosa, voz de papão... Uh! papão!

J. NARCISO — Não sei como é...

SABINO — Mas experimente... ora faça lá outra vez... mas de vagar, e com uma certa solemnidade...

J. NARCISO (*Repete o que já fez, mas diz de forma exageradíssima a phrase*) — Escuta-me!

SABINO — Mais alto.

J. NARCISO — Escuta-me!

SABINO — Agora foi alto de mais... Mais baixinho...

J. NARCISO — Escuta-me!

SABINO — Agora não se ouviu!

A. PEDRO — Não tem mesmo habilidade nenhuma! Nada, eu com este senhor não faço o *Hamlet*. Não quero o meu trabalho prejudicado...

J. NARCISO — Ora essa!

SABINO — Tu não tens direito de fazer observações, nem de te intrometteres nos papeis dos teus collegas...

A. PEDRO — Collega, este pechote!

J. NARCISO — Pechote! eu! José Narciso da Arrochela, com 58 annos, proprietario em Sacavem...

A. PEDRO — Em Sacavem! O senhor é de Sacavem...

J. NARCISO — Sou, sim senhor, e o que tem a dizer a isso...

A. PEDRO — Nada, senão que é da terra da minha mãe...

J. NARCISO — Sim, e como se chama sua mãe? Talvez eu conheça...

J. NARCISO — Naturalmente não conhece, porque sahio de lá ha muitos annos... Rosa do Espirito Santo!

J. NARCISO (*Em sobresalto*) — E... a senhora sua mãe não tem este olho... (*Indica o olho esquerdo*).

A. PEDRO — Não tem, não senhor...

J. NARCISO — Segurem-me, segurem-me, que não me sinto bem...

SABINO (*Chegando lhe a cadeira*) — Que tem? Que é isso, sr. Narciso?... Deem cá d'alli um pucaro d'agua... (*André corre a buscar agua*) Beba... beba toda, que a bilba está cheia...

A. PEDRO — Mas que foi...

J. NARCISO — Obrigado, estou melhor... Ai, diga-me senhor, e sua mãe nunca teve outro filho?...

A. PEDRO — Nada, só este e mais nada.

J. NARCISO — E... não está... casada?

A. PEDRO — Não está, não senhor! Irra com tanta pergunta.

J. NARCISO — E em que dia nasceu?

A. PEDRO — Lá quando nasci não me lembra, mas faço annos a 18 de fevereiro...

J. NARCISO — E' isso mesmo!... A meus braços... meu filho!

A. PEDRO — Meu pae, o senhor!

TODOS — Seu pae!

J. NARCISO — Sim, meu filho, que eu ha tanto tempo procurava... Vamos ver tua mãe!...

A. PEDRO — Vamos, meu pae!

SABINO — E então o ensaio?

A. PEDRO (*com exaggerada solemnidade*) — Primeiro a familia! Depois a arte!

JULIÃO — Bravo! bem respondido, *seu* Antonio Pedro.

J. NARCISO — Meus amigos, visto que foi no Club Recreativo Aurora Dramatica que consegui encontrar meu filho, declaro-me socio protector, perdô as rendas em divida e dou-lhes casa de graça para os ensaios...

SABINO — Viva o sr. Narciso!

JULIÃO E ANDRÉ — Viva!

SABINO — E fica com um camarotesinho para a recita?

J. NARCISO — Agora fico, porque já tenho familia para levar ao espectaculo. Vamos, Antonio Pedro.

A. PEDRO — Vamos, meu papá!

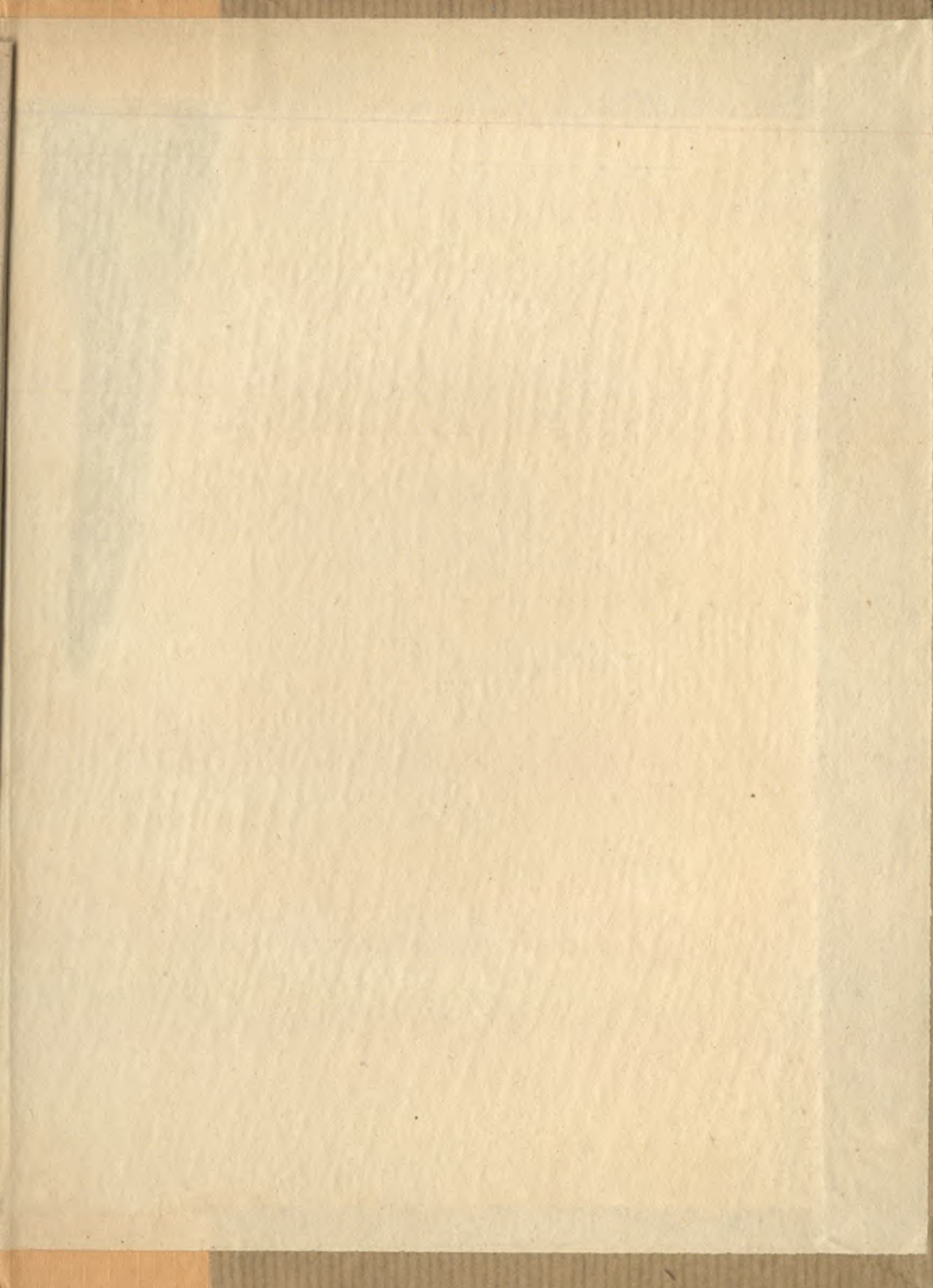
SABINO — Meus senhores, amanhã ensaio á mesma hora, mas com damas... em homenagem ao sr. J. Narciso!

L.
65164

CAE O PANNO







NB



EFG0000101983